



MERCADOS FORMAIS E INFORMAIS

| Tema: [Artigos](#) | Autor: [António de Lemos](#) |

Um dia, há alguns anos atrás, o Dr. António Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola dava o mote para o desenvolvimento da nossa economia afirmando: “A AGRICULTURA É A BASE E A INDÚSTRIA O FACTOR DECISIVO”.

Como teria sido diferente se, naquela altura, nos primórdios da nossa independência, tivéssemos o bom senso de seguir fielmente este princípio.

Não o fizemos e hoje a nossa economia vive momento de extrema dificuldade, causada por muitos erros que fomos cometendo pois usamos o Petróleo como única via económica.

Mas nunca é muito tarde para se aprender e corrigir os erros cometidos num passado muito recente.

É verdade que a guerra que nos foi imposta durante muitos anos, também ajudou a chegarmos a esta situação difícil mas não podemos continuar a falar dela como sendo o único problema para os males de que enferma a nossa economia.

Temos acompanhado com bastante satisfação, à implementação, pelo governo angolano, de muitos programas que visam desenvolver o país, diversificando a economia, uma vez que o Petróleo deixou de ser a única via.

A Agricultura é uma das soluções mais viáveis para se iniciar todo o processo de transformação da economia e, com muito agrado, temos assistido a todo um esforço nesse sentido.

O Governo assumiu este princípio e temos visto resultados de algumas das medidas que já foram implementadas, onde destaco a diminuição da importação de alguns produtos “made in” Angola.

Desta forma, estão criadas algumas condições para se motivar os jovens a usar a agricultura como meio de vida, diminuindo o exército de desempregados que circulam pelas cidades, usando os mercados informais e a venda descontrolada nas ruas como meio para a sua subsistência.

Os mercados informais são, não tenho dúvidas, o único meio que milhares de pessoas têm como forma de subsistir às enormes dificuldades que vivem no seu dia a dia, comprando e vendendo e ganhando algum dinheiro para se alimentarem durante o dia e garantindo, a muito custo, alguma economia para resolver alguns dos seus problemas.

Mas, neste caso, os que mais ganham são os grandes armazéns que, capeados pela desorganização desses mercados, se instalam à sua volta e o usam como a forma mais fácil e mais rápida de retirar lucros milionários, criando sérias dificuldades ao empresariado nacional e, naturalmente, ao governo, pois não criam mais valias que ajudem o país a sair da crise.

Penso que deve haver alguma coragem política para se travar este fenómeno que continuará a crescer se não se tomarem medidas muito sérias.

Não estou a referir-me ao encerramento desses armazéns mas à necessidade de se organizarem, cumprindo escrupulosamente a lei vigente no país.

A existência de contabilidade organizada, o pagamento dos impostos devidos ao Estado, a criação de empregos dignos, a observância das regras mais elementares de higiene e de segurança e o cumprimento do horário de trabalho, deveriam ser algumas exigências a serem observadas de imediato.

Assim sendo, estes armazéns deixarão de exercer uma concorrência desenfreada e desleal com as empresas nacionais que cumprem com os seus deveres e passarão a dar um contributo importante na solução de parte do problema económico do país.

Se o governo conseguir disciplinar o comércio, o que não será tarefa muito fácil, tendo em conta os níveis de desorganização que se verificam nessa área, estarão criadas algumas condições para que a agricultura se desenvolva e comecem a surgir novas indústrias de transformação dos produtos agrícolas, e não só, pois os agricultores e os industriais terão a certeza de que o seu produto será comercializado.

Produção interna e criação de empregos que garantam o aumento do poder de compra das populações, serão parte importante da solução para se alavancar a nossa economia.

Se assim for, acredito que a classe empresarial continuará firme na sua determinação de, como no passado, continuar a contribuir para o sucesso das medidas que forem tomadas.